PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

LINHA ESTUDOS LITERÁRIOS

ETAPA PROVA ESCRITA

MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

ORIENTAÇÕES GERAIS

1. A prova deverá ser realizada individualmente, sendo vedadas a comunicação entre os/as candidatos/as e a consulta a quaisquer materiais de apoio durante sua realização.

2. As respostas definitivas deverão ser redigidas com caneta esferográfica de tinta azul ou preta.

3. O/a candidato/a não deverá se identificar por meio de nome, assinatura ou qualquer outro elemento que permita sua identificação, exceto o número do CPF, conforme orientação a seguir.

4. O/a candidato/a deverá registrar o número do CPF em todas as folhas de resposta.

5. Ao término da prova, o/a candidato/a deverá entregar todas as folhas utilizadas, inclusive aquelas destinadas a rascunho.

6. Na folha de respostas, o/a candidato/a deverá identificar cada questão respondida com o número correspondente à numeração apresentada nesta prova.

7. Para as suas respostas, espera-se que você mobilize também a bibliografia proposta para este processo de seleção.

8. Conforme estabelecido no edital do processo seletivo, a avaliação da prova escrita considerará os seguintes critérios:

a) capacidade analítica;

b) capacidade de síntese;

c) coerência e coesão textual;

d) consistência teórica;

e) posicionamento crítico.

VAGAS PARA CANDIDATO/AS COTISTAS

Antes de realizar a prova, marque no campo abaixo se você está inscrito/a para concorrer às vagas reservadas para candidato/as cotistas e identifique a que cota você está concorrendo:

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não.

QUESTÃO 1

Para responder a esta questão, leia atentamente o conto "***Desenredo"***, do livro *Tutaméia – Terceiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, e a seguir, o excerto do "***Capítulo Um – Leitores e Leituras"***, do livro *Sobre a Desconstrução*, de Jonathan Culler.

TEXTO 1

Desenredo (João Guimarães Rosa)

Do narrador a seus ouvintes:

— Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que — deu-se o desmastreio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro. Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a mal-dizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela — longe — sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções. Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou — ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme

fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

Mas.

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

Mais.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade — ideia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desafaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar — e qualquer causa se irrefuta.

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida. E pôs-se a fábula em ata.

Rosa, João Guimarães. Tutameia (Terceiras estórias). 9.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

TEXTO 2

"Capítulo Um – Leitores e Leituras", *Sobre a Desconstrução*, de Jonathan Culler.

Se a experiência da literatura depende das qualidades do *self* da leitura, pode-se perguntar que diferença faria para a experiência da literatura e, portanto, para o sentido da literatura, se esse *self* fosse feminino em vez de masculino. Se o sentido de uma obra é a experiência do leitor, que diferença faz se o leitor é uma mulher?

Essa pergunta se mostra um excelente modo de abordar o problema levantado pela ênfase da crítica na experiência da leitura, pois em primeiro lugar a questão da mulher leitora coloca, concreta e politicamente, o problema da relação da experiência do leitor quando lê com outros tipos de experiência, e além disso porque questões frequentemente varridas para debaixo do tapete por histórias masculinas da leitura são trazidas à baila em debates e nas divisões da crítica feminista. (p.51).

Considere a construção e os acontecimentos narrados no conto "Desenredo", de João Guimarães, assim como a referência teórica apontada acima e discuta a possibilidade de uma "leitura/interpretação/experimentação feminina" contraposta às "leituras/interpretações/experimentações masculinas" do texto.

QUESTÃO 2

Para responder a esta questão, considere os dois textos que seguem. O primeiro é um excerto da BNCC/ Língua Portuguesa/Ensino Médio e o outro é um trecho de um artigo do Prof. Dr. André Cechinel, sobre o ensino de literatura na BNCC.

Texto 1

A escrita literária, por sua vez, ainda que não seja o foco central do componente de Língua Portuguesa, também se mostra rica em possibilidades expressivas. Já exercitada no Ensino Fundamental, pode ser ampliada e aprofundada no Ensino Médio, aproveitando o interesse de muitos jovens por manifestações esteticamente organizadas comuns às culturas juvenis. O que está em questão nesse tipo de escrita não é informar, ensinar ou simplesmente comunicar. O exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolve reinventar, questionar e descobrir-se. Sendo assim, ele é uma função importante em termos de elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais. Nesse sentido, o desenvolvimento de textos construídos esteticamente – no âmbito dos mais diferentes gêneros – pode propiciar a exploração de emoções, sentimentos e ideias, que não encontram lugar em outros gêneros não literários e que, por isso, deve ser explorado. (BRASIL, 2018, p.495-496).

Texto 2

[...] chama a atenção, nas breves passagens do documento sobre o ensino de literatura, a nova partilha realizada em relação aos objetos de que deveria se ocupar o Ensino Médio: se antes o intuito fundamental era o de promover o encontro com a alteridade radical do texto literário, com o desafio analítico e interpretativo que a singularidade das obras impõe ao gesto da leitura, agora essa tarefa divide o espaço com a comunicação e expressão de si. Em outras palavras, "[...] está em jogo, também, nesta etapa, um trabalho mais sistemático com a escrita literária, o fazer poético [...]. Com isso, tais escolhas podem funcionar como processo de autoconhecimento, ao mobilizar ideias, sentimentos e emoções" (Brasil, 2018, p. 513-514). Uma vez mais, se a importância da literatura reside antes numa espécie de saída de si, num contato com uma linguagem estrangeira que desfamiliariza os sentidos e a experiência prévia de mundo, a proposta parece localizar-se dessa vez no encontro consigo mesmo – no processo de autoconhecimento, na possibilidade de questionar e descobrir-se, na elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais, na exploração de emoções, sentimentos e ideias, na seleção de obras significativas para si, na apropriação para si, na socialização de obras da própria autoria, na criação de obras autorais etc. Prevalece nesse léxico a escolha individual, a expressão de sentimentos e uma prática terapêutica talvez em sintonia com os demais capítulos da BNCC. (CECHINEL, Semiformação literária, 2019, p.5-6).

a) Os textos apresentam compreensões distintas sobre o lugar da escrita literária no Ensino Médio. Enquanto a BNCC defende a escrita literária como atividade pedagógica necessária no Ensino Fundamental e que deve ser "ampliada e aprofundada" no Ensino Médio, Cechinel expõe questionamentos sobre a adoção, pela legislação, de uma nova concepção sobre o que constitui o aprendizado literário. Considerando não apenas o excerto citado, mas também a totalidade da BNCC em relação à literatura no Ensino Médio (abordada no tópico "5.1.2.1 Língua portuguesa no Ensino Médio"), apresente seu posicionamento em relação à escrita literária como instrumento pedagógico no Ensino Médio.